

# REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE *FANTASIA* NAS OBRAS DE FREUD E LACAN

## RESUMO

João Paulo de Sousa  
[terapeuta.joaopaulo@gmail.com](mailto:terapeuta.joaopaulo@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-3656-1507>  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG), Patrocínio, MG, Brasil.

Liliane Santos  
[lilimel@icloud.com](mailto:lilimel@icloud.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-0367-6973>  
Faculdade Dom Alberto (FDA), Guarapuava,  
PR, Brasil.

**INTRODUÇÃO:** O termo fantasia é um correspondente da ideia de realidade psíquica, elaborado em meio às circunstâncias que perpetraram contestações à teoria da sedução, e diz respeito à vida imaginária do sujeito.

**OBJETIVO:** Identificar e apresentar aparições do termo fantasia ao longo da obra psicanalítica, mais especificamente nos escritos de Freud e Lacan, e estabelecer discussões entre os autores clássicos mencionados e outros contemporâneos, acerca das controvérsias e da evolução do conceito.

**MATERIAL E MÉTODOS:** A presente pesquisa bibliográfica foi construída em formato de ensaio teórico. O artigo recorta a maneira como a fantasia enquanto objeto de estudo se desenvolve, a partir dos diferentes argumentos a seguir debatidos.

**RESULTADOS:** Em Freud a fantasia se desenrola em três tempos, partindo de uma impressão atual de uma insatisfação do presente que o desperta para seu desejo não satisfeito, busca no passado algum momento em que esse desejo foi realizado e, então, cria para o futuro uma cena, em que sua insatisfação atual possa, magicamente se transformar em desejo realizado. Assim como para Lacan, tem relação com o desejo e aponta, desde já, para a sujeição originária do sujeito ao Outro.

**CONCLUSÃO:** Conclui-se que a fantasia pode ser considerada um conjunto de ideias e sentimentos, ideias onde predominam-se memórias afetivas. O termo também pode ser pensado como uma satisfação inconsciente da libido, de desejos, devido a seu caráter particular, mas, pode também, ser pensada no sentido de falta.

**PALAVRAS-CHAVE:** fantasia; psicanálise; realidade psíquica.

Recebido em: 08/11/2021  
Aprovado em: 10/02/2022

DOI: 10.17648/2525-2771-v2n10-3

**Correspondência:**  
João Paulo de Sousa  
Endereço Alameda dos Ingás, 179, Bairro  
Dona Diva, Patrocínio, MG, Brasil.

**Direito autoral:**  
Este artigo está licenciado sob os termos da  
Licença Creative Commons-Atribuição 4.0  
Internacional.

# REFLECTIONS ON THE CONCEPT OF FANTASY IN THE WORKS OF FREUD AND LACAN

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** Introduction: the term *fantasy* is a correspondent of the idea of *psychic reality*, elaborated in the midst of the circumstances that put the *seduction theory* in check, and concerns the subject's imaginary life.

**OBJECTIVE:** To identify and present appearances of the term *fantasy* throughout the psychoanalytic work, more specifically in the writings of Freud and Lacan, and to establish discussions between the classic authors mentioned and other contemporary ones, about the controversies and evolution of the concept.

**METHODS:** The present bibliographical research was constructed in the format of a theoretical essay. The article cuts through the way fantasy as an object of study is developed, based on the different arguments discussed below.

**RESULTS:** In Freud's view, fantasy unfolds in three stages, starting from a present impression, from a dissatisfaction in the present that awakens the subject to his or her unfulfilled desire, the subject searches in the past for some moment when this desire was fulfilled and then creates a scene for the future in which the present dissatisfaction can magically be transformed into a fulfilled desire. As for Lacan, it is related to desire and points, right from the start, to the originary subjection of the subject to the other.

**CONCLUSION:** It is concluded that fantasy can be considered a set of ideas and feelings, ideas where affective memories predominate. The term can also be thought of as an unconscious satisfaction of the libido, of desires, due to its particular character, but it can also be thought of in the sense of lack

**KEYWORDS:** fantasy; psychoanalysis; psychic reality.

## INTRODUÇÃO

Tema que percorre todo o campo psicanalítico, a fantasia figura como conceito central da psicanálise, o que faz dos estudos sobre o assunto, de relevância inquestionável. As primeiras formulações sobre a fantasia foram empreendidas com o intuito evidenciar as e tratar como importantes as “construções psíquicas feitas pelos sujeitos para dar conta da realidade”, como contam Silva e Santiago, (2018, p. 1). O estabelecimento de uma nova perspectiva para compreender a trama psíquica se fundamentou no interesse de Freud pelo que a medicina do fim do século XIX era incapaz de explicar detalhadamente, a histeria. A fantasia tornou-se um conceito importante da teoria psicanalítica desde que Freud, bem cedo, se dedicou a empreender um tratamento para histeria. Freud e Breuer consideraram as manifestações fantasísticas das históricas, e ao concluir o caso de Anna O., jogam luz ao registro da imaginação, das fantasias de sua paciente, dando menor importância aos acontecimentos vivenciados por ela (ROUDINESCO; PLON, 2008).

As cenas de sedução, em que mulheres eram forçadamente submetidas ao ímpeto do desejo do outro, compuseram, segundo Zimerman (1999) o contexto embrionário da psicanálise – um sujeito que traumatiza e cria sintomas. Entretanto, não raramente, tratava-se de uma realidade que não poderia ser considerada concreta, palpável, mas sim psíquica, como ficção que dá estrutura à verdade. O conceito de fantasia se tornou abrangente comportando várias significações sendo necessária sua definição para maior compreensão da obra psicanalítica e para o sucesso do tratamento analítico.

Objetivou-se com este estudo identificar e apresentar aparições do termo fantasia ao longo da obra psicanalítica, mais especificamente nos escritos de Freud e Lacan, e estabelecer discussões entre os autores clássicos mencionados e outros contemporâneos, acerca das controvérsias e da evolução do conceito.

## MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa bibliográfica foi construída em formato de ensaio teórico, que conforme ensinam Soares, Picolli e Casagrande (2018, p.13), trata-se de um texto dissertativo,

com “(...) propósito de defender, racional e logicamente, um ponto de vista ou uma ideia, sem proposta de aprofundamento ou pretensão de esgotamento do assunto”. Em um ensaio teórico, o que se pretende é o estudo do objeto “na sua condição dialética”, como ensina Meneghetti (2011, p. 327). Para a construção de um trabalho puramente teórico, como no caso deste estudo, não há outro caminho que não o exclusivo da pesquisa bibliográfica, conforme propõem Silva e Pasqualli (2020).

Assim, nessa perspectiva, buscando responder como o conceito de fantasia evolui nas obras de Freud e Lacan, bem como como reverberam nos textos contemporâneos de psicanálise, os autores do presente artigo revisitaram as obras e, em uma relação dialética com o objeto pesquisado, promoveram a discussão, conforme segue.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como formulam Roudinesco e Plon (2008) na apresentação do conceito, em seu famigerado dicionário de psicanálise, o termo fantasia é um correspondente da ideia de realidade psíquica, elaborado em meio às circunstâncias que colocaram em cheque a teoria da sedução, e diz respeito à vida imaginária do sujeito e a forma como são construídas as representações da sua própria história, inclusive, de sua origem. Designa a imaginação, o mundo imaginário, os seus conteúdos, a atividade criadora que o anima. Em psicanálise, se utiliza desse termo de diversas maneiras. Inicialmente, Freud não distinguiu com precisão as fantasias inconscientes das fantasias conscientes, mas afirma que sua origem é inconsciente, e que isso é decisivo para o seu destino.

As cartas escritas por Freud a Fliess compõem um importante acervo da história da psicanálise. Em uma dessas correspondências Freud (1986, p. 265) afirma: “não acredito mais em minha neurótica”. Isso significa que o autor passaria a apostar em uma realidade psíquica. Ou seja, o que se entendia por trauma, deixa estar vinculado ao aspecto social, da relação com o outro, passando a representar um evento da ordem do intrapsíquico. Este é um dos episódios que marcaram a fundação do edifício psicanalítico, abrindo precedentes para a elaboração da fantasia enquanto conceito, distinto de um mero sinônimo para imaginação.

A relação entre as ideias de realidade psíquica e realidade material figura entre os mais importantes debates do ensino de Freud. Contudo, cabe o alerta de que ao conceito de realidade psíquica, não se deve aplicar a rasa concepção de referência ao que pode ser chamado de introspectivo, ou de psicológico. Teixeira (2001, p.75) explica que o “O termo “realidade” deve ser tomado no seu sentido forte, ou seja, como algo dotado de organização, estabilidade e eficácia, e cujas modalidades de operação a psicanálise se esforça por descobrir”. Segundo a autora, a fantasia opera como o palco para que o desejo entre em cena. Elementos como o sadismo, o masoquismo e o romance familiar indicam o caráter originário da fantasia, e é por ela, que o sujeito cria condições de organização de sua vida fantasmática, sem que tenha necessariamente vivenciado experiências próprias. A esse campo permanecem atreladas: as fantasias originárias, cena primária, cena de sedução, além da castração e outras representações traumáticas do que é sexual.

A fantasia se desenrola em três tempos, ou tempos da ideação, nos quais o passado, o presente e o futuro estão interligados em uma linha de sentido (FREUD, 1919/1996). Nessa linha, o indivíduo, partindo de uma impressão atual, de uma insatisfação do presente que o desperta para seu desejo não satisfeito, busca no passado algum momento em que esse desejo foi realizado e, então, cria para o futuro uma cena, em que sua insatisfação atual possa, magicamente se transformar em desejo realizado. “Dessa forma, o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (FREUD, 1908/1996, p. 138).

Lacan (1958/1998, p. 421) pontua a dimensão da fantasia como orientação da experiência de análise, advertindo: “não convém desconhecemos o aspecto de roteiro ou de história, que constitui uma de suas dimensões essenciais”. Essa dimensão diz respeito à construção imaginária necessária que advém nos instantes cruciais em que se manifesta o objeto a, seja na experiência de análise, ou mesmo na manifestação do sujeito enquanto personalidade. A exemplo do que ensina Jorge (2010, p. 29-30) “o objeto a é um conceito que, digamos assim, vai à raiz do problema e, em vez de abordar a questão pela via do imaginário, o faz pela dimensão do real. Ou seja, na perspectiva lacaniana, a fantasia é colocada como um acesso ao próprio real.

A primeira teorização de Lacan sobre a fantasia é centrada no eixo imaginário. O objeto a, nesse momento de seu ensino, é abordado como imaginário: i(a). Porém Lacan (1958/1998, p. 421) ressalta que a fantasia é “como um imaginário aprisionado num certo uso do

significante”. O objeto a é um dos termos da fantasia construído nos três registros: imaginário, simbólico e real. O imaginário é definido por Lacan como o campo da representação e do sentido. Refere-se à dimensão do eu, aos fenômenos de ilusão, captação e antecipação. O simbólico é o campo da linguagem e da fala. Está ligado especificamente à função do significante, que representa e determina o sujeito. Por sua vez, o real é definido por Lacan como o impossível de dizer, como aquilo que sempre retorna ao mesmo lugar e insiste em se fazer dizer. O real não se inscreve, mas existe, em relação ao sentido e à palavra.

A fantasia, tanto para Freud como para Lacan, tem relação com o desejo: o recém nascido depende de um outro que satisfaça sua demanda, o que aponta, desde já, para a sujeição originária do sujeito ao outro. Lacan estabeleceu a falta como central na problemática do objeto na psicanálise. É nisso que o sujeito apreende a natureza insatisfeita do desejo: que o desejo é o desejo do outro, e nesse desejo o objeto é essencialmente perdido. Nos postulados finais dos Três Ensaio Freud (1905/1996) assevera que o encontro com o objeto desejado é, na verdade, um reencontro, uma estratégia viabilizada pela fantasia, para revisitar a experiência de prazer. Considerando as primeiras vivências de deleite, seria “o seio como objeto perdido no desmame” um elemento “prototípico do objeto a” (JORGE, 2010, p. 30).

Para Freud, não existem conceitos analíticos formados de uma vez por todas. Ele afirma que, ao se constatarem dificuldades e obscuridades que implicam reformulações. A propósito, até mesmo o conceito mister de inconsciente sofreria uma alteração radical em seu sentido, quando do desenvolvimento da segunda tópica. Para Sigmund, “os problemas não podem ser eliminados pela especulação; devem aguardar solução através de outras observações ou mediante observações em outros campos” (FREUD, 1914, p. 29).

Freud abordou o tema fantasia em sua “Conferência XXIII” (1933/1996). Iniciando pelo sintoma, ele chega à fantasia que está em sua base. A fantasia é que determina o sintoma. A repressão da libido, que impede a obtenção de prazer por via do objeto original de desejo, fornece subsídios para a formação dos sintomas. Fantasiar é uma construção para ir de encontro ao prazer. Se o sintoma está articulado com a fantasia é porque ambos representam a realização de um desejo. E se esse desejo não pode ser realizado, então o sintoma é uma satisfação que substitui a fantasia do desejo.

A fantasia deixa marcas no inconsciente do sujeito, mesmo que fatos reais não tenham acontecido. Pode ser considerada a busca pelo prazer, adulterada constituída pela cena primária, em que o corpo se fixa na expressão, ou seja, na realidade.

De acordo com Freud (1901/1906):

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali retrocede à lembrança de uma experiência anterior, na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo (FREUD, 1907. p. 153).

As fantasias originárias encontram-se ligadas à observação da relação sexual dos pais, na cena primeira dos pais, ou cena originária. Freud (1909), atribui o nome cenas originárias aos acontecimentos reais, traumatizantes, cuja recordação por vezes é elaborada ou disfarçada por fantasias. A partir da análise feita por Freud do sonho do Homem dos Lobos, Lacan (1963/2005, p. 85), diz que a fantasia é como um quadro que se coloca no enquadramento de uma janela através do qual se olha o mundo, como uma tela que protege o sujeito do real.

Estabelecendo uma distinção das fantasias conscientes, entende-se que, inconscientemente, trata-se de uma imagem esquecida, recalcada, que apesar da incapacidade de emergir a consciência, permanece exercendo algum grau de atividade. Em um exemplo ainda nesse universo da cena primária, Nasio (2007, p. 10-11) propõe a seguinte reflexão:

O filho nunca copulará com a mãe e, se o fizesse, seu desejo continuaria insatisfeito. A fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. O desejo é então parcialmente saciado sob a forma de uma fantasia que, no cerne do inconsciente, reproduz a realidade.

A fantasia, na condição de realidade psíquica, diz respeito a um desejo que não encontra seu objeto na realidade concreta, e permanecerá incapaz de encontrar, o eu o inventa e cria integralmente em sua imaginação. Isto sugere que a fantasia, pode ser considerada como algo que perpassa o passado, presente e futuro do sujeito sendo entrelaçados pelo desejo uma vez que permite a liberação ilusória da realidade não satisfeita.

À medida que a psicanálise evoluiu enquanto saber científico, o conceito de fantasia se tornou abrangente e passou a comportar vários significados sendo necessária sua definição para

maior compreensão da própria psicanálise e para o sucesso do tratamento analítico. Apesar dessa variabilidade de sentidos, segundo Laplanche e Pontalis, (2001, p. 470) “Freud até o fim da vida, nunca deixou de afirmar a frequência e o valor patogênico das cenas de sedução efetivamente vividas pelas crianças”.

Em seu texto *Uma criança é espancada*, Freud (1919/1996) aborda a fantasia na neurose. Nessa ocasião, embora ele deixe clara a obscuridade da fantasia em termos teóricos, aponta algumas de suas principais características, que serão retomadas a seguir. A primeira delas é a presença de uma satisfação auto erótica, ou seja, a geração de prazer ao próprio sujeito que cria a fantasia. Tal satisfação remete a um traço primário de perversão, ao qual o sujeito está fixado e que se destacou prematuramente da sexualidade infantil, caracterizada por uma perversidade polimorfa. Para Freud a perversão é um dos processos típicos da vida sexual da criança, sendo inicialmente levada para a relação com o objeto de amor incestuoso e, posteriormente, permanecendo como herdeiro da carga de libido do Complexo de Édipo que sucumbiu ao recalque. Esse traço de perversão, além de encontrar como destino possível o recalque, o que o fará retornar sempre como compulsão nos sintomas, também pode vir a ser transformado em sublimação (FREUD, 1919/1996).

Freud também afirma que a fantasia surge em análise como um relato hesitante e acompanhado de vergonha e culpa, mobilizando resistência (FREUD, 1919/1996). Isso leva a crer que a fantasia que interessa à psicanálise não é da ordem do universal, mas sim do particular. Zweig (2016, p.11) afirma que a maior parte das pessoas têm a fantasia embotada.

O que não as toca diretamente, o que não atinge duramente seus sentidos com sua ponta afiada quase não as excita. Mas se acontece diante de seus olhos, bem perto da sua emoção, ainda que seja algo insignificante, logo desencadeia nelas uma paixão desmedida.

Freud (1920/1996) chama de clichê estereotípico a sua forma particular de se conduzir na vida erótica. Trata-se, então, de uma marca desse sujeito, daquilo que o singulariza. Nessas considerações de Freud, ainda, chama a atenção para o fato de que a fantasia porta um paradoxo: gera prazer, mas é também repugnante. Dito de outro modo: na fantasia o prazer está articulado ao desprazer. Basta rever o esquecimento que Freud (1901/1996) analisa no primeiro capítulo de *Psicopatologia da vida cotidiana*, mostrando claramente que o recalque não atua sobre a imagem, uma vez que é esquecido. Nota-se que a fantasia é estruturante na neurose, mas se apresenta ao neurótico como cena difusa e paradoxal.

A função da fantasia se encontra em estruturas neuróticas distintas: ela se inscreve para a obsessão como desejo impossível; para a fobia como desejo prevenido; e para a histeria como desejo insatisfeito. Lacan distingue o ato perverso do ato neurótico. Enquanto o ato perverso se situa no nível do gozo, o ato neurótico, “mesmo se ele se refere ao modelo do ato perverso, não tem outro fim senão sustentar o efeito do desejo” (1967/2005, p. 433). A fantasia, na economia neurótica, é extraída do campo de determinação do gozo perverso, e é nessa ordenação fantasista que o neurótico encontra um “suporte feito para enfeitar a carência de seu desejo no campo do ato sexual” (1967/2005, p. 411). A fantasia fundamental é um axioma: uma fórmula fechada, indivisa, uma significação absoluta. Lacan ressalta a função de axioma da fantasia: ela não tem nenhum outro papel na economia neurótica; deve ser tomada, no nível da interpretação, tão literalmente quanto possível. Para Lacan, o que se tem a fazer “é encontrar em cada estrutura a definir as leis de transformação que assegurarão a esta fantasia, na dedução dos enunciados do discurso inconsciente, o lugar de um axioma” (1967/2005, p. 86).

A fantasia é comumente tomada na psicanálise a partir do registro do imaginário e se por ele abordada em relação a uma estrutura, ou seja, em relação à lógica. Sabe-se assim, que as fantasias se aproximam da consciência e podem permanecer sem serem perturbadas até serem repelidas, caso haja a ocorrência de um forte investimento (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). O desejo é impetuoso, e diante disso, o eu é intimado a se defender. Em umas das formas de defesa, recalca. Outrossim, cria uma fantasia, desenvolve uma estratégia de alívio, embora parcial e substituto, atende ao reclame do desejo. A fantasia inconsciente é efeito do recalque e a ele está submetida. Porém, como já mencionado, é inerente à fantasia, a condição de precariedade, frente ao ímpeto do desejo. Este, segue irremediavelmente insaciável (NASIO, 2007).

A realidade psíquica é uma forma especial de existência, uma forma cuja expressão máxima são as fantasias. As fantasias são construções psicológicas, virtuais, que servem para reparar as faltas, as falhas, as insatisfações humanas, e são encontradas em todos os seres humanos. A afirmação de Freud (1900/1996) de que tampouco se conhece o próprio mundo psíquico, assim como o mundo exterior, ao qual é facultada a possibilidade de conhecê-lo apenas por meio das percepções, é, de fato, angustiante. Freud fomenta uma série de questões, das quais, talvez uma das mais importantes seja: O que sabemos sobre nós mesmos?

De acordo com Freud, (1908/1996, p.137) “[...] a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita”. E essa insatisfação é sempre de ordem sexual. Com isso, explica-se que todas as fantasias são motivadas pela busca da realização de um desejo, como já dito, desejo de reparar a realidade material. “A incapacidade para o atendimento de uma demanda amorosa real é um dos traços mais essenciais das neuroses” (FREUD, 1905/1996 p. 106). Jorge (2010, p. 84) parte dessa premissa para afirmar que, “na neurose, a fantasia de completude é, em essência, uma fantasia de completude amorosa. O neurótico quer resgatar a completude perdida pelo viés do amor, por isso ele se fixa no amor”. Ou seja, ao se firmar no inconsciente da fantasia o sujeito reprime o polo do gozo da fantasia.

A vivência da satisfação real é evitada, e é evitada talvez porque as vivências anteriores tenham sido muito desprazerosas, e então a fantasia promete, mais que a realidade, um final feliz: “Aquilo por que mais intensamente anseiam em suas fantasias é, justamente, aquilo de que fogem quando lhes é apresentado pela realidade, e com maior gosto se entregam a suas fantasias quando já não precisam temer a realização delas” (FREUD, 1905/1996 p.106).

## CONCLUSÃO

Ao longo de sua escrita, Freud apontou a vida sexual como fundo de todas as psiconeuroses e também das neuroses atuais. O caminho seguido por ele nos anos anteriores a 1897 o levou em direção aos traumas de sedução na infância e assim acabava-se chegando à vida sexual. As fantasias de sedução substituem, em importância, o trauma de sedução, pois Freud passou a conhecer algo que anteriormente ignorava: a sexualidade infantil e seu caráter perverso polimorfo. A atividade sexual infantil, espontânea ou provocada, é o que determinará a vida sexual do adulto e assim, também, se caso for, a sua doença (FREUD, 1905/1996).

Conclui-se que a fantasia pode ser considerada um conjunto de ideias e sentimentos, ideias onde predominam-se memórias afetivas. O conceito aparece diversas vezes na obra de Freud a partir de diferentes explicações: fantasias conscientes, inconscientes, pré-conscientes, porém todas elas possuem em comum a satisfação substituta da realidade não satisfeita. Ela pode ser pensada como uma satisfação inconsciente da libido, de desejos, devido a seu caráter particular, mas, pode também, ser pensada no sentido de falta. Observa-se também que, existem

aspectos positivos e negativos de adaptação e fuga da realidade, que impede o sujeito de viver a realidade. Conclui-se também que a fantasia se coloca como resposta inconsciente para dar conta de problemas reais.

## REFERÊNCIAS

DA SILVA, V. G.; PASQUALLI, R. A atualidade da pedagogia socialista soviética: um ensaio teórico. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4388>

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1900)

FREUD, S. A psicopatologia da vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 6. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1901).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905).

FREUD, S. “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1908).

FREUD, S. Análise de um caso de neurose obsessiva. O homem dos ratos. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1909).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1919).

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1920).

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1933).

FREUD, S., FLIESS, W. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904 (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

JORGE, M. A. C. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan 2: A clínica da fantasia. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

LACAN, J. A angústia. **O seminário**, livro 10. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Trabalho original publicado em 1963).

LACAN, J. A lógica do fantasma. **O seminário**, livro 14. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Trabalho original publicado em 1967).

LACAN, J. A significação do falo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703. (Trabalho original publicado em 1958).

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>

NASIO, J. D. **A fantasia: o prazer de ler Lacan**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

PONTALIS, J. B.; LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, V. C. C.; SANTIAGO, J. Do “Embelezamento dos Fatos” à “Cicatriz”: Uma Investigação sobre a Fantasia em Freud. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33419>

SOARES, S. V., PICOLLI, I. R. A., CASAGRANDE, J. L. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, 1-19, 2018. DOI <https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n2.970>

TEIXEIRA, T. S. Delírio, fantasia e devaneio: sobre a função da vida imaginativa na teoria psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 4, n. 3, p. 67-88, 2001. DOI <https://doi.org/10.1590/1415-47142001003007>

ZIMERMAN, D. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica, Clínica - Uma Abordagem Didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

---

ZWEIG, S. **24 horas na vida de uma mulher**. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Martins Fontes, 2016.